



PRESENÇA AMPLIADA <i>Abram Szajman</i>	5
A EXEMPLO DAS BORBOLETAS <i>Daniela Santo de Miranda</i>	6
QUANDO O RISCO É FICAR ENCANTADO <i>Ligia Morell</i>	10
CORETO DO SÉCULO 21 <i>Valmir Santos</i>	12
CONVÍVIO E AFETO TRANSFORMADORES <i>Pedro Luis</i>	14
O EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO DA ARTE NO ESPAÇO PÚBLICO <i>Tom Lisboa</i>	17
O RETORNO DO CORPO À PRAÇA <i>Vanilton Lakka</i>	21
POLÍTICAS E CIRCULAÇÕES CULTURAIS <i>Antonio Albino Canelas Rubin</i>	22
PARTITURA HERMETO PASCOAL	24
EXPEDIÇÕES: OUTRAS CARTOGRAFIAS	26
O INTERIOR É FORA DA GENTE: SINGULARIDADES DO OUTRO <i>Francelle Cocco</i>	28
ROTEIRO 1	32
Expedições	34
Espetáculos	40
ROTEIRO 2	46
Expedições	48
Espetáculos	52
ROTEIRO 3	58
Expedições	60
Espetáculos	62

O RETORNO DO CORPO A PRAÇA

Por Vanilton Lakka

Uma série de artistas colaborou na criação de *Mono-blocos: Ação, Interação e Intervenção na Praça*, projeto com o qual cumprimos o itinerário por nove cidades paulistas dentro do Circuito Sesc de Artes 2014. Essa proposta em dança toca diretamente à memória de participação em duas edições anteriores. Experiências que nos levaram a confrontar a cidade e a pressionar meu corpo e minha história às texturas e volumes urbanos.

Em 2006, apresentei a coreografia *Escambo*, com a Cia. Mário Nascimento. Concebido originalmente para teatro, o trabalho foi apresentado em palcos estruturados ao ar livre nas cidades do Circuito. Isso implicava lidar com diferentes pisos e seus reflexos sobre o corpo.

Guardo na memória relatos dos companheiros de trabalho que reclamavam de freqüentes dores corporais atribuídas às condições do piso improvisado como tablado. No entanto, eu não sentia os mesmo incômodos. Dessa forma, incomodava-me não as dores, mas uma questão: “Por que eles sentem tanto e eu não?”.

Intuí que a resposta apontava para minha formação, ligada diretamente às danças urbanas. Embrionária da cultura hip-hop, a dança B-boy me possibilitou um tipo de convivência muito específica com a cidade. Realizei peregrinações públicas procurando espaços onde era possível treinar, estudar, vivenciar o jeito B-boy de habitar a urbe. Foram vários treinos e períodos de estudo em localidades como praças, ruas ou debaixo de viadutos.

Entre a primeira participação no Circuito e a segunda, em 2011, andei um bocado. No hiato de cerca de seis anos passei por festivais na América Latina, África e Europa. A maioria tinha programação relacionada à arte urbana e envolvia workshop e apresentações. No meio do caminho iniciei a pesquisa de mestrado na Universidade Federal de Uberlândia (MG), focada em pensar e prospectar a relação do espaço da cidade na formação do artista cênico. Além

da dissertação, o resultado consistiu elaborar uma série de procedimentos técnicos e corporais, os quais passei a socializar com artistas e estudantes de artes em cursos, encontros e residências.

Retornei ao Circuito Sesc há três anos com um trabalho de minha autoria, *O Corpo é a Mídia da Dança? Outras Partes*, inicialmente criado para sala ou galpão. No entanto, sua forma de apresentação em circunferência e com a utilização de muitos movimentos da dança B-boy possibilitava um trânsito confortável na dureza do piso das praças. Rodou por 14 cidades e todas as apresentações aconteceram diretamente no chão das praças, ou seja, sem um palco para mediar a relação entre intérprete e área aberta. Na ocasião, lembro-me, não houve reclamações de dores ou qualquer desconforto. Tanto a técnica utilizada como a articulação com o espaço pareciam apontar para um bom acomodamento.

As investigações prática e teórica no mestrado e as subsequentes experiências em programações como o Circuito levaram-me à concepção do projeto *Mono-blocos - Ocupação, Interação e Ação na Praça*. O mesmo foi dividido em duas etapas de igual importância: uma processual, denominada *Cidade Habitada*, e a outra referente aos frutos desta, chamada *Mono-blocos*.

Em *Cidade Habitada* realizamos a pesquisa e a produção de uma proposta cênica resultante da interação com o ambiente. Foi aplicado como estratégia o procedimento de ocupação itinerante de praças de Uberlândia por dez intérpretes-criadores. O treinamento, a elaboração e a construção da proposta cênica decorriam da prática de *habitar a cidade*. A intenção era criar uma intimidade com as praças por meio do uso, da experiência. A tentativa de uma proximidade perdida e de um corpo esquecido: um corpo que se jogava na praça na tentativa de criar divergências com o corpo da modernidade acomodado no conforto do sofá.

A segunda etapa, *Mono-blocos*, resultou numa obra organizada em vários blocos de estruturas de jogos coreográficos que apresentam como características principais a constante interação com a cidade em seus aspectos

físico-sociais; a presença de intérpretes com formações diversas, como danças urbanas, teatro e artes visuais; e por fim a mobilidade, a flexibilidade e a capacidade de permeabilidade sempre em diálogo com os locais em que são apresentadas.

Mono-blocos é resultado de uma reflexão que teve início no momento em que foi necessário dançar na cidade, rolar no piso duro, experimentar os volumes e texturas da praça, negociar com a horizontalidade e com a verticalidade da cidade. Mas também negociar as dimensões histórica, técnica, política e social presentes no corpo de cada um. E as possibilidades de interação e sobrevivência de um corpo na interação com a arquitetura física e social das praças ocupadas por festivais e programas artísticos.

Questões como: 1) Que projeto de obra é possível expor na praça/cidade? 2) Que tipo de relação é possível estabelecer? 3) Quais recursos técnicos corporais ou de materiais como vestimentas, pisos e proteções são necessários para executar com segurança a proposta? Temos formação para ocupar a cidade? E que corpo resulta da interação com a cidade? Como um corpo treinado durante toda a sua vida em salas de aula simétricas, previsíveis e seguras se vê afetado pela fricção com cidade?

A nossa participação no Circuito Sesc de Artes 2014 é assimilada como um expressivo presente com nove chances, nove possibilidades de testar as apostas elaboradas e projetadas durante anos de pesquisa, testando diferentes praças a cada dia em arquiteturas físicas e sociais distintas. Mas acima de tudo significou, mais uma vez, a oportunidade de imersão em um processo de convivência com artistas de múltiplas linguagens, experiências e personalidades.

Bem, e eu continuo pensando: a noção de ambiente parece ser cada vez mais útil. A pesquisa me levou a considerar como ambiente o espaço (físico e social); o sistema técnico corporal (hip-hop, parkour, skate, balé, não importa quais forem); e a biografia do sujeito (o seu histórico bio/psico/social). A resultante dessa viagem é a corporeidade, ou seja, não é possível passar ileso

pela experiência da cidade, ou melhor, do espaço. Afinal, mais do que dança e cidade a questão é corpo e espaço interpenetrados.

Vanilton Lakka é coreógrafo e intérprete independente, professor e pesquisador da Universidade Federal de Viçosa (UFV).